



Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Mestrado em Ciências das Religiões

Janaína Toscano Porpino de Lucena

**Violência contra as mulheres em lares cristãos: diante do espaço,
o sagrado e o profano**

João Pessoa
2024

Violência contra as mulheres em lares cristãos: diante do espaço, o sagrado e o profano

Violence against women in Christian homes: before space,
the sacred and the profane

Janáina Toscano Porpino de Lucena¹

Rita Cristiana Barbosa²

Resumo

A abordagem da violência contra as mulheres em lares cristãos é considerada complexo das relações entre o espaço sagrado, o espaço profano e as crenças religiosas, destacando a necessidade de uma atuação consciente e comprometida por parte das instituições religiosas e dos líderes espirituais para enfrentar esse problema de forma eficaz e compassiva. Os tabus religiosos podem exercer uma influência significativa na perpetuação da violência doméstica contra as mulheres, reforçando padrões de desigualdade de gênero e submissão que favorecem a violência. O patriarcado e a dominação masculina nas comunidades cristãs podem criar um ambiente propício para a ocorrência e a perpetuação da violência doméstica. A interpretação dos textos sagrados pode variar e leituras fundamentalistas podem contribuir para a perpetuação da violência de gênero. Sendo crucial abordar a violência contra as mulheres sob uma perspectiva religiosa de forma crítica e comprometida com a promoção dos direitos humanos e da igualdade de gênero. A Lei Maria da Penha, oficialmente conhecida como Lei nº 11.340/06, é uma legislação que combate à violência contra as mulheres no Brasil, sendo considerada um marco na luta pelos direitos das mulheres, garantindo medidas de proteção, assistência e amparo necessárias para sua segurança e bem-estar. Esta pesquisa foi caracterizada como um estudo descritivo bibliográfico. Tem como objetivo evidenciar a violência contra as mulheres em lares cristãos, diante do espaço sagrado e profano. Concluindo que, as comunidades religiosas têm um papel importante a desempenhar na prevenção e no enfrentamento da violência, garantindo que suas práticas e ensinamentos estejam alinhados com os princípios de respeito, dignidade e justiça para todas as pessoas.

Palavras-chave: Cristãos; Mulheres; Violência.

Abstract

The approach to violence against women in Christian homes is considered complex in the relations between the sacred space, the profane space and religious beliefs, highlighting the need for conscious and committed action by religious institutions and spiritual leaders to

¹ Mestranda em Ciências das Religiões pela Universidade Federal da Paraíba.

² Professora Dra. Profissional da área da educação, doutorado em Educação (2015), com estágio doutoral na Universidade de Barcelona, na Espanha.

address this problem effectively and compassionately. Religious taboos can have a significant influence on the perpetuation of domestic violence against women, reinforcing patterns of gender inequality and submission that favor violence. Patriarchy and male domination in Christian communities can create an environment conducive to the occurrence and perpetuation of domestic violence. The interpretation of sacred texts may vary and fundamentalist readings may contribute to the perpetuation of gender violence. It is crucial to approach violence against women from a religious perspective critically and committed to the promotion of human rights and gender equality. The Maria da Penha Law, officially known as Law 11,340/06, is a legislation that combats violence against women in Brazil, being considered a milestone in the fight for women's rights, ensuring protection measures, assistance and support necessary for their safety and well-being. This research was characterized as a descriptive bibliographic study. It aims to highlight violence against women in Christian homes, in front of the sacred and profane space. Concluding that, religious communities have an important role to play in preventing and coping with violence, ensuring that their practices and teachings are aligned with the principles of respect, dignity and justice for all people.

Keywords: Christians; Women; Violence.

1 Introdução

O espaço sagrado é o universo em si, apresentando harmonia, equilíbrio e racionalidade, ou seja, o indivíduo compreendendo sua ordenação, seu sentido, existe ali uma ordem tanto divina como humana e é possível se sentir seguro naquela dimensão, deste modo, podemos enquadrar o lar como um espaço geográfico sagrado, entretanto o mesmo pode ser um caos de arbitrariedade, a falta de sentido e de razão que opera junto ao acaso, sendo incrivelmente perigoso aos que habitam nele.

Desta forma, quando vemos o ensinamento religioso de que o lar é um espaço sagrado, ressaltando que a mulher deverá resguardá-lo de forma a ser obediente, passiva e submissa, entendemos que de alguma forma contribui para o surgimento e disseminação de diversas formas de violência contra a mesma.

Discursos religiosos, textos sagrados e suas várias interpretações, discriminações sexistas contra as mulheres na igreja, como caça às bruxas, discriminação biológica, negligência em casamentos violentos, assim sendo, há divergências quanto ao lar ser um espaço sagrado e um espaço inseguro para as mulheres na contemporaneidade.

Ao analisar a violência contra as mulheres em lares cristãos, é essencial considerar a influência do espaço sagrado e profano, bem como as dinâmicas de poder e as normas de gênero presentes nesses contextos. A reflexão sobre como o discurso religioso cristão molda as percepções e as práticas em relação à violência de gênero pode contribuir para uma abordagem mais abrangente e sensível a essa questão (Silva, 2023).

A violência contra as mulheres em comento não está restrita ao espaço profano, mas também pode ocorrer no espaço sagrado, como nas relações familiares e comunitárias dentro das instituições religiosas. Isso evidencia a necessidade de problematizar a ideia de que o sagrado é um espaço imune à violência de gênero (Cazotto Terra, 2022).

As vivências religiosas dessas mulheres influenciam suas experiências de violência doméstica, pois os discursos religiosos e os valores transmitidos nas comunidades religiosas podem contribuir para a manutenção dos relacionamentos violentos. No espaço sagrado, como a igreja, as mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais muitas vezes encontram conforto, paz e amor, o que pode contrastar com as experiências de violência vivenciadas em seus lares (Nunes; Souza, 2021).

Esta pesquisa foi caracterizada como um estudo descritivo bibliográfico, onde foi desenvolvida e realizada uma revisão da literatura existente, que fundamentou a construção e análise da violência contra as mulheres em lares cristãos. Diante do exposto, justifica o tema como de grande relevância para profissionais da área e áreas afins. O estudo tem como objetivo evidenciar a violência contra as mulheres em lares cristãos, diante do espaço sagrado e profano.

2 Desenvolvimento

2.1 Violência contra as mulheres em lares cristãos

O espaço sagrado, como a igreja ou o ambiente de culto, pode desempenhar um papel na perpetuação ou na mitigação da violência contra as mulheres. As crenças, normas e práticas religiosas presentes nesse espaço podem influenciar a forma como a violência é percebida, abordada e justificada (Silva, 2023).

Normas e valores religiosos presentes nos textos sagrados podem influenciar as dinâmicas de poder e controle nos lares cristãos, contribuindo para a perpetuação de situações de violência contra as mulheres. Essas normas podem ser interpretadas de maneira a reforçar hierarquias de gênero prejudiciais (Cazotto Terra, 2022).

A análise da violência contra as mulheres em lares cristãos considera a influência do espaço sagrado (religioso) e do espaço profano (cotidiano) na dinâmica dos relacionamentos e na perpetuação da violência. A religião e a esfera doméstica se entrelaçam, impactando as percepções e as práticas relacionadas à violência de gênero (Guerra, 2023).

No entanto, apesar de identificarem a igreja como um local de acolhimento, as participantes não necessariamente relacionam a religiosidade com a violência no

relacionamento conjugal. Elas tendiam a culpar os agressores individualmente, desvinculando a violência do contexto social e religioso no qual estavam inseridos. Entretanto, o espaço profano, representado pelo ambiente doméstico, é onde as mulheres enfrentam as violências, muitas vezes perpetradas por parceiros que utilizam valores e discursos religiosos para justificar seus atos (Nunes; Souza, 2021).

O espaço profano, que engloba o ambiente doméstico e as relações cotidianas, também é impactado pelo discurso religioso cristão. As normas de gênero, os papéis familiares, os tabus e as expectativas sociais presentes nesse espaço podem contribuir para a manutenção de relações desiguais e, em alguns casos, de violência contra as mulheres (Silva, 2023).

Os tabus religiosos podem influenciar a perpetuação da violência doméstica contra as mulheres de diversas maneiras (Guerra, 2023):

- Submissão da mulher: alguns tabus religiosos ensinam a submissão da mulher ao homem, reforçando uma hierarquia de gênero que pode ser explorada para justificar o controle e a violência dentro do casamento.
- Tolerância à violência: tabus que enfatizam a importância da família e da manutenção do casamento a qualquer custo podem levar as mulheres a tolerar a violência em nome da preservação da união familiar, mesmo em situações abusivas.
- Culpa e pecado: tabus religiosos que culpabilizam as mulheres por problemas no casamento ou que associam a separação ao pecado podem fazer com que as vítimas se sintam culpadas por buscar ajuda ou por tentar escapar de relacionamentos abusivos.
- Estigmatização do divórcio: em algumas tradições religiosas, o divórcio é visto como um tabu e uma falha moral, o que pode impedir as mulheres de buscar a separação de um parceiro violento, mesmo quando sua segurança está em risco.
- Ideais de perdão e paciência: alguns tabus religiosos enfatizam a importância do perdão e da paciência, o que pode ser interpretado de forma distorcida como aceitação passiva da violência, desencorajando as vítimas de denunciar ou buscar ajuda.
- Desvalorização da mulher: tabus que desvalorizam o papel e a autonomia das mulheres, colocando-as em uma posição de inferioridade em relação aos

homens, podem contribuir para a perpetuação da violência doméstica, pois as vítimas podem ser vistas como menos dignas de proteção e apoio (Guerra, 2023).

Contudo, as vivências religiosas das mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais contribuem para a manutenção dos relacionamentos violentos de diversas maneiras, os discursos religiosos nessas comunidades frequentemente reforçam a hierarquização de papéis masculinos e femininos, atribuindo ao homem o papel de líder e à mulher o de submissa. Isso pode contribuir para a perpetuação de relações desiguais e violenta. Em muitos casos, as mulheres são encorajadas a serem passivas diante de situações de violência, buscando soluções por meio da fé e da oração, em vez de buscar ajuda externa ou denunciar a violência (Nunes; Souza, 2021).

Os tabus religiosos podem influenciar a perpetuação da violência doméstica contra as mulheres de diversas maneiras. Alguns tabus religiosos ensinam a submissão da mulher ao homem, reforçando uma hierarquia de gênero que pode ser explorada para justificar o controle e a violência dentro do casamento. Tabus que enfatizam a importância da família e da manutenção do casamento a qualquer custo podem levar as mulheres a tolerar a violência em nome da preservação da união familiar, mesmo em situações abusivas (Guerra, 2023).

As vivências religiosas dessas mulheres podem influenciar a forma como lidam com a violência doméstica, muitas vezes mantendo-as em situações de abuso e dificultando a busca por ajuda e a denúncia dos agressores. Silenciamento do sofrimento e da violência, desenvolvendo valores como doçura, abnegação e perdão, enaltecidos na cultura religiosa, podem levar as mulheres a silenciarem sobre o sofrimento vivenciado em relacionamentos violentos. As igrejas, muitas vezes, contribuem para a permanência das mulheres nesses contextos, reforçando a ideia de que o casamento é sagrado e não passível de rompimento (Nunes; Souza, 2021).

O Apocalipse de João, um livro do Novo Testamento da Bíblia, é uma obra apocalíptica que apresenta visões simbólicas e proféticas sobre o fim dos tempos e a vitória final de Deus sobre as forças do mal, contém imagens e metáforas que associam o feminino à maldade e ao caos, contribuindo para a demonização e culpabilização do feminino. Essas representações simbólicas podem enfraquecer o papel e a dignidade das mulheres nas relações sociais, além de legitimar formas de violência e discriminação de gênero (Cazotto Terra, 2022).

O patriarcado e a dominação masculina desempenham um papel significativo nas experiências de violência doméstica vivenciadas por mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais, como (Nunes; Souza, 2021):

- Hierarquização de papéis de gênero: o patriarcado estabelece uma estrutura de poder em que os homens são considerados superiores e detentores de autoridade sobre as mulheres. Essa hierarquização de papéis de gênero pode contribuir para a legitimação da violência contra as mulheres, como uma forma de manter o controle e a dominação.
- Cultura de submissão feminina: dentro desses contextos religiosos, as mulheres muitas vezes são ensinadas a serem submissas aos homens, inclusive em seus relacionamentos conjugais. Essa cultura de submissão pode tornar as mulheres mais vulneráveis à violência doméstica, pois podem sentir-se obrigadas a aceitar comportamentos abusivos em nome da obediência e da manutenção do casamento.
- Reforço de estereótipos de gênero: através de discursos religiosos que enfatizam a superioridade masculina e a submissão feminina, o patriarcado e a dominação masculina contribuem para a perpetuação de estereótipos de gênero que justificam e normalizam a violência contra as mulheres. Isso pode dificultar a identificação da violência e a busca por ajuda por parte das vítimas (Nunes; Souza, 2021).

Logo, em muitas tradições religiosas, estruturas patriarcais e hierárquicas podem contribuir para a perpetuação da violência contra as mulheres, limitando sua autonomia e reforçando relações desiguais de poder. A violência contra a mulher sob uma perspectiva religiosa e a violação dos direitos das mulheres são questões complexas que envolvem a interseção entre crenças religiosas, práticas culturais e direitos humanos (Guerra, 2023).

Deste modo, a importância de uma releitura dos textos sagrados à luz dos direitos humanos e da promoção da dignidade das mulheres, questionando interpretações que justificam ou legitimam a violência com base em preceitos religiosos, necessitando uma reflexão, tendo a necessidade de desconstruir estereótipos de gênero e de poder presentes nas tradições religiosas, promovendo uma leitura crítica que valorize a igualdade, o respeito e a não violência (Cazotto Terra, 2022).

A falta de preparo teológico pode contribuir significativamente para a manutenção de mitos religiosos que toleram a violência contra as mulheres de várias maneiras, pode levar a interpretações distorcidas de textos religiosos, justificando ou tolerando a violência contra as mulheres com base em supostas passagens ou tradições religiosas. A ausência de formação teológica adequada pode resultar na perpetuação de estereótipos de gênero dentro das comunidades religiosas, reforçando ideias prejudiciais sobre o papel e a submissão das mulheres (Guerra, 2023).

Os textos sagrados judaico-cristãos, como a Bíblia, contêm narrativas e passagens que, em algumas interpretações, podem materializar violências simbólicas contra as mulheres. Essas representações podem contribuir para a perpetuação de estereótipos de gênero, discriminação e desigualdade. Algumas formas de violências simbólicas presentes nos textos sagrados judaico-cristãos incluem (Cazotto Terra, 2022):

- **Demonização da mulher:** em algumas passagens, as mulheres são associadas a elementos negativos, como tentação, pecado e impureza. Por exemplo, a figura de Eva no relato do pecado original no Gênesis é frequentemente interpretada de forma a culpabilizar as mulheres pela queda da humanidade.
- **Restrições e controle:** alguns textos sagrados prescrevem normas e regras que limitam a liberdade e autonomia das mulheres, reforçando relações de poder desiguais entre homens e mulheres. Por exemplo, prescrições sobre vestimentas, comportamentos e papéis sociais podem restringir a liberdade das mulheres.
- **Submissão e obediência:** em certas passagens, as mulheres são instruídas a serem submissas e obedientes aos homens, reforçando hierarquias de gênero que podem contribuir para relações desiguais e abusivas.
- **Estigmatização da sexualidade feminina:** alguns textos sagrados associam a sexualidade feminina à impureza e pecado, contribuindo para a objetificação e controle do corpo das mulheres (Cazotto Terra, 2022).

Deste modo, a análise cuidadosa das escrituras sagradas à luz dos princípios dos direitos humanos é fundamental para promover uma interpretação que respeite a igualdade de gênero, a dignidade e os direitos das mulheres.

Entretanto, algumas interpretações do Apocalipse de João têm levantado questões sobre a representação das mulheres e a possível violação de seus direitos humanos. A interpretação crítica do Apocalipse de João à luz dos direitos humanos das mulheres é essencial para identificar e desafiar narrativas que promovem a desigualdade de gênero e a violência contra as mulheres. Ressignificar as metáforas e imagens presentes no texto apocalíptico, com uma abordagem hermenêutica sensível e inclusiva, pode contribuir para a promoção da dignidade e dos direitos das mulheres (Cazotto Terra, 2022).

Logo, mulheres vítimas de violência podem enfrentar estigma e culpa dentro de comunidades religiosas, o que dificulta a busca por ajuda e proteção. É importante combater

essas atitudes e promover ambientes de acolhimento e apoio. A violência contra as mulheres é uma violação dos direitos humanos e deve ser combatida em todas as esferas da sociedade, incluindo as instituições religiosas. É essencial garantir que as mulheres tenham acesso à justiça, proteção e apoio, independentemente de sua filiação religiosa (Guerra, 2023).

A Lei Maria da Penha, nº 11.340/2006, sancionada em 2006, é considerada um marco na luta pelos direitos das mulheres. É mencionada no contexto da discussão sobre a violência contra as mulheres em lares cristãos. A Lei tem como objetivo principal proteger as mulheres vítimas de violência doméstica e familiar, estabelecendo mecanismos para prevenir, punir e erradicar esse tipo de violência. Ela reconhece a gravidade da violência de gênero e busca garantir a integridade física, psicológica e moral das mulheres, reconhece diversos tipos de violência contra as mulheres, incluindo violência física, psicológica, sexual, patrimonial e moral. Essa abrangência na definição de violência permite uma atuação mais ampla e eficaz na proteção das vítimas (Silva, 2023).

A legislação estabelece penas mais rigorosas para os agressores, buscando coibir a impunidade e garantir que os responsáveis por atos de violência sejam responsabilizados pelos seus atos. Além de lidar com as consequências da violência, a Lei Maria da Penha também tem um caráter preventivo, promovendo a conscientização sobre a violência doméstica e a importância do respeito aos direitos das mulheres. A lei oferece um instrumento legal sólido para as mulheres buscarem ajuda e proteção, fortalecendo-as para romperem o ciclo de violência e buscarem uma vida livre de agressões (Guerra, 2023).

A Lei Maria da Penha também aborda o feminicídio, que é o assassinato motivado por violência doméstica ou discriminação de gênero. O feminicídio é tipificado como crime hediondo no Brasil e a Lei Maria da Penha contribui para a prevenção e punição desse tipo de crime. A Lei representa um avanço significativo na proteção dos direitos das mulheres e no combate à violência de gênero. Ela estabelece medidas de proteção, assistência e amparo às vítimas, além de promover a conscientização e a educação sobre a violência contra as mulheres (Silva, 2023).

Ao reconhecer a violência contra as mulheres como uma violação dos direitos humanos, a Lei Maria da Penha contribui para a promoção da igualdade de gênero e o empoderamento feminino. A Lei desempenha um papel fundamental no combate à violência contra as mulheres, oferecendo proteção, punição aos agressores, prevenção, educação e fortalecimento dos direitos das mulheres. É um instrumento essencial na busca por uma sociedade mais justa e igualitária (Guerra, 2023).

Entretanto, a ineficiência do Estado em implementar políticas públicas de proteção às mulheres tem um impacto significativo na superação da violência doméstica, especialmente para as mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais (Nunes; Souza, 2021):

- Falta de proteção e apoio adequados: quando o Estado não oferece recursos e serviços eficazes para proteger as vítimas de violência doméstica, as mulheres podem se sentir desamparadas e sem opções para buscar ajuda. Isso pode levar à perpetuação da violência, uma vez que as vítimas não têm acesso a medidas de proteção e suporte necessárias para sair de situações abusivas.
- Dependência da justiça divina: a falta de confiança no sistema judiciário devido à ineficiência do Estado pode levar as mulheres a depositarem suas esperanças exclusivamente na justiça divina. Isso pode resultar em uma postura de passividade diante da violência, esperando que somente Deus possa protegê-las e fazer justiça, em vez de buscar soluções concretas e apoio externo.
- Reforço da vulnerabilidade e desproteção: a ausência de políticas públicas eficazes de proteção às mulheres contribui para um sentimento de desproteção e insegurança, fortalecendo a ideia de que apenas a intervenção divina pode garantir a segurança das vítimas. Isso pode dificultar a superação da violência doméstica, pois as mulheres podem se sentir incapazes de romper o ciclo de abuso sem o apoio adequado do Estado (Nunes; Souza, 2021).

Portanto, a ineficiência do Estado em implementar políticas públicas de proteção às mulheres impacta negativamente a superação da violência doméstica, reforçando a dependência das vítimas em soluções religiosas e contribuindo para a perpetuação da violência em contextos onde o apoio estatal é insuficiente.

2.2 Espaço sagrado e espaço profano

A natureza é considerada sagrada porque, para o homem religioso, o cosmos é uma criação divina, impregnada de sacralidade. A sacralidade da natureza está relacionada com a religião cósmica, pois o cosmos é visto como uma obra dos deuses, revelando-se como uma criação divina que guarda transparência e desvenda os múltiplos aspectos do sagrado. A natureza é percebida como algo que transcende o simples aspecto natural, comunicando algo que vai além do mundo material (Eliade, 1992).

A experiência religiosa se manifesta no espaço geográfico de diversas formas, refletindo a interação entre o sagrado e o profano. Algumas maneiras pelas quais essa manifestação ocorre incluem (Rosendahl, 2018):

- Espaço sagrado: o espaço sagrado é um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, transportando-o para um meio distinto de sua existência cotidiana. Esses locais refletem a percepção do grupo religioso envolvido e são consagrados por rituais que reproduzem a obra dos deuses.
- Hierofanias: as hierofanias são manifestações diretas da divindade em certos objetos, pessoas ou lugares, revelando o divino aos fiéis. Essas revelações são essenciais para a experiência religiosa e contribuem para a construção do espaço sagrado.
- Peregrinação: a peregrinação é uma prática religiosa importante em várias tradições, resultando em uma organização espacial específica que reflete a interdependência entre o espaço sagrado e o profano. Os peregrinos percorrem caminhos que conectam locais de significado religioso, vivenciando tempos sagrados e fortalecendo sua fé.
- Construção ritual do espaço: além das hierofanias, o espaço sagrado pode ser ritualmente construído pelos fiéis, que dedicam áreas específicas para práticas religiosas e devoção. Essa construção simbólica do espaço reflete as características emocionais associadas à experiência religiosa.
- Tipologia do espaço sagrado: para compreender melhor a diversidade dos espaços sagrados, é possível classificá-los de acordo com sua sacralidade e função dentro de uma determinada tradição religiosa. Essa tipologia considera tanto os espaços fixos, como templos e santuários, quanto os espaços não fixos, como locais de peregrinação (Rosendahl, 2018).

Em muitas tradições religiosas, o espaço sagrado é considerado como um local de respeito, reverência e conexão com o divino, enquanto o espaço profano é associado ao cotidiano, ao secular e ao material. Essa distinção pode ter implicações na forma como a violência doméstica é abordada dentro das comunidades religiosas, especialmente no que diz respeito às crenças, normas e práticas que podem perpetuar ou desafiar a violência contra as mulheres (Guerra, 2023).

O sagrado se manifesta como algo inteiramente diferente das realidades naturais ou profanas. O espaço sagrado é aquele onde o sagrado se revela, tornando-se qualitativamente diferente do espaço profano. A sacralização do mundo ocorre através da hierofania, que é a manifestação das realidades sagradas. A partir das hierofanias, o mundo é consagrado e torna-se qualitativamente diferente do mundo profano que o cerca. A experiência do espaço sagrado é descrita como uma fundação do mundo, onde a manifestação do sagrado cria um "ponto fixo" no espaço, possibilitando a orientação na homogeneidade caótica do espaço profano. Em contrapartida, o espaço profano é descrito como homogêneo e neutro, sem diferenciação qualitativa, e não permite uma verdadeira orientação, pois o "ponto fixo" não possui um estatuto ontológico único (Eliade, 1992).

A distinção entre sagrado e profano é fundamental na concepção religiosa do mundo, pois representa uma separação significativa entre o divino e o mundano. Essa dicotomia é essencial para muitas tradições religiosas, pois (Rosendahl, 2018):

- Separação e definição: a palavra "sagrado" implica em separar e definir as experiências que envolvem a divindade das experiências que não a envolvem, consideradas profanas. Essa distinção ajuda a manter a sacralidade e a reverência associadas ao divino.
- Relação com a divindade: o sagrado está intrinsecamente ligado a uma divindade, enquanto o profano não possui essa conexão. Essa separação permite aos crentes vivenciarem experiências religiosas específicas em locais consagrados, distintos do cotidiano.
- Hierofania e ordem: no espaço sagrado, ocorrem hierofanias, revelações do divino que trazem ordem e significado para a vida dos fiéis. Essas manifestações diretas da divindade são essenciais para a experiência religiosa.
- Vivência religiosa: a distinção entre sagrado e profano influencia diretamente a forma como os fiéis respondem à ideia de espaço sagrado. O sagrado é percebido como um ponto fixo de hierofania, enquanto o profano é o entorno utilizado para práticas religiosas (Rosendahl, 2018).

A reflexão sobre o espaço sagrado e profano pode ser relevante para entender como as interpretações religiosas influenciam as percepções sobre a violência doméstica, as relações de poder entre homens e mulheres, e as expectativas em relação aos papéis de gênero. Portanto, é

importante considerar como esses conceitos podem ser aplicados no contexto discutido, a fim de compreender melhor as dinâmicas que envolvem a violência doméstica e a atuação dos líderes religiosos nesse cenário (Guerra, 2023).

A diferença entre o espaço sagrado e o espaço profano na perspectiva geográfica, destaca a importância dessa dicotomia para a compreensão da experiência religiosa (Rosendahl, 2018).

Espaço Sagrado:

- Definido como um campo de forças e valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo, transportando-o para um meio distinto de sua existência cotidiana.
- Reflete a percepção do grupo religioso envolvido e é consagrado por rituais que reproduzem a obra dos deuses.
- Pode ser caracterizado por hierofanias, manifestações diretas da divindade em objetos, pessoas ou lugares consagrados.
- Inclui tanto locais fixos, como templos e santuários, quanto locais não fixos, como áreas de peregrinação (Rosendahl, 2018).

Espaço Profano:

- Desprovido de sacralidade e estrategicamente localizado ao redor e em frente do espaço sagrado.
- Pode estar diretamente vinculado ao sagrado ou ser separado por uma clara distinção entre o divino e o mundano.
- O entorno do espaço sagrado é utilizado para práticas religiosas e rituais devocionais pelos fiéis (Rosendahl, 2018).

Relação entre espaço sagrado e espaço profano:

- Os dois espaços estão interligados e suas relações funcionais se manifestam em tempos sagrados, permitindo a caracterização do espaço profano em relação ao seu vínculo com o sagrado.
- A distinção entre sagrado e profano é essencial para a organização da experiência religiosa e para a definição de espaços consagrados em diversas tradições religiosas (Rosendahl, 2018).

Portanto, a importância da distinção entre o espaço sagrado e o espaço profano na experiência religiosa, ressalta como essa dicotomia influencia a percepção dos fiéis e a organização dos locais de culto e devoção.

2.3 Discurso religioso cristão sobre a violência doméstica

A relação entre a violência contra as mulheres e os textos sagrados das religiões, especialmente a Bíblia, é um tema complexo e relevante. A literatura bíblica reflete tradições históricas que podem conter imagens e práticas violentas em relação às mulheres, mas também apresenta indícios de valorização e igualdade de gênero. Em Gênesis 1:27, a criação do homem e da mulher é descrita como igualmente digna e semelhante a Deus. Além disso, em Gálatas 3:28, o apóstolo Paulo fala sobre a igualdade de dignidade entre homens e mulheres em Cristo Jesus (Cazotto Terra, 2022).

A influência do discurso religioso cristão nos processos de subjetivação é significativa, pois molda a forma como as pessoas se percebem, se relacionam e constroem suas identidades dentro de um contexto religioso, fornecendo narrativas e valores que ajudam a moldar a identidade das pessoas, influenciando sua autoimagem, suas crenças e seus comportamentos. Isso pode impactar a forma como as pessoas se veem e se relacionam consigo mesmas e com os outros (Silva, 2023).

Os líderes espirituais, como pastores e padres, desempenham um papel crucial na abordagem da violência doméstica dentro da igreja. Tendo a responsabilidade de conscientizar suas comunidades sobre a gravidade da violência doméstica, educando-as sobre os sinais, impactos e formas de prevenção, devem oferecer um ambiente acolhedor e de apoio para as vítimas de violência doméstica, encorajando-as a buscar ajuda e orientação, sem julgamentos ou estigmas (Guerra, 2023).

O discurso religioso cristão estabelece normas morais e valores éticos que orientam o comportamento e as escolhas dos indivíduos. Essas normas podem influenciar as decisões individuais e coletivas, bem como as relações sociais dentro da comunidade religiosa (Silva, 2023).

Os líderes espirituais podem fornecer orientação religiosa e espiritual às vítimas, ajudando-as a encontrar conforto, força e esperança em sua fé durante momentos difíceis, sendo importante que os líderes religiosos denunciem atos de violência doméstica, apoiem as vítimas na busca por justiça e contribuam ativamente no combate a essa problemática em suas comunidades (Guerra, 2023).

O discurso religioso cristão muitas vezes atribui papéis específicos aos indivíduos com base em seu gênero, idade, status social, entre outros fatores. Isso pode resultar na hierarquização de papéis e na definição de relações de poder dentro da comunidade religiosa. A interpretação dos textos sagrados, como a Bíblia, é fundamental no discurso religioso cristão e pode influenciar profundamente a compreensão e a prática da fé. Essas interpretações moldam a visão de mundo dos fiéis e orientam suas ações e convicções (Silva, 2023).

Quando líderes religiosos não estão preparados para lidar com questões de violência de gênero, as vítimas podem ser silenciadas, desacreditadas ou culpabilizadas, o que contribui para a perpetuação do ciclo de violência. A falta de preparo teológico pode resultar em uma orientação inadequada às vítimas de violência doméstica, levando a conselhos prejudiciais, como permanecer no relacionamento abusivo em nome da fé ou da família (Guerra, 2023).

A religião desempenha um papel significativo na construção da linguagem da dignidade humana, pois influencia valores, crenças e práticas que moldam as percepções sobre a humanidade e os direitos humanos. Através de suas tradições, ensinamentos e textos sagrados, a religião pode promover princípios de respeito, igualdade e dignidade para todas as pessoas, como (Cazotto Terra, 2022):

- Valorização da vida humana: muitas tradições religiosas enfatizam a sacralidade da vida e a dignidade inerente de cada ser humano, refletindo a ideia de que todos são criados à imagem de um Ser divino.
- Promoção da justiça e da solidariedade: a religião pode inspirar ações de justiça social e solidariedade, incentivando os fiéis a se envolverem em questões de direitos humanos e a defenderem os mais vulneráveis na sociedade.
- Ética e responsabilidade: os ensinamentos éticos das religiões frequentemente abordam questões de justiça, compaixão e responsabilidade mútua, contribuindo para a construção de uma cultura de respeito e cuidado com o próximo.
- Advocacia e ativismo: muitas organizações religiosas e líderes espirituais estão envolvidos em atividades de defesa dos direitos humanos, trabalhando para combater a discriminação, a violência e a injustiça em nome da dignidade de todas as pessoas (Cazotto Terra, 2022).

Portanto, a religião pode ser uma força poderosa para promover a linguagem da dignidade humana, desde que seja interpretada e praticada de maneira a respeitar e proteger os

direitos fundamentais de todos os seres humanos, independentemente de sua origem, gênero, raça ou crenças.

Deste modo, a capacitação e formação dos líderes religiosos sobre questões de gênero, violência doméstica e direitos das mulheres é essencial para que possam abordar o tema de forma sensível e eficaz. Os líderes espirituais têm o poder de desconstruir mitos e estereótipos que perpetuam a violência de gênero, promovendo uma mensagem de respeito, igualdade e não violência (Guerra, 2023).

2.4 Hermenêutica feminista religiosa judaico-cristã

As hermenêuticas bíblicas feministas desafiam as interpretações tradicionais dos textos sagrados ao questionar a pretensa neutralidade hermenêutica que muitas vezes é atribuída a essas leituras. Elas se baseiam na ideia de que os textos bíblicos têm sido historicamente lidos e interpretados de maneiras que tanto libertam quanto oprimem, especialmente em contextos patriarcais e androcêntricos (Luckow, 2021).

A hermenêutica feminista busca reinterpretar passagens bíblicas que tradicionalmente foram vistas como opressivas para as mulheres. Isso envolve uma análise crítica das narrativas e personagens femininas, destacando suas vozes e experiências. As estudiosas feministas consideram o contexto histórico e cultural em que os textos foram escritos, reconhecendo que as normas patriarcais da época influenciaram a redação e a interpretação dos textos (Henriques, 2021).

Essas hermenêuticas introduzem critérios novos e importantes para a interpretação, como uma leitura sociológica que busca entender a posição e o papel das mulheres na sociedade da época em que o texto foi escrito, e um “critério feminista” que parte de uma hermenêutica da suspeita, considerando que os textos foram escritos por homens, os "vencedores" de uma sociedade patriarcal (Luckow, 2021).

Contudo, a hermenêutica feminista desafia as interpretações que perpetuam a opressão de gênero, desconstruindo narrativas que colocam as mulheres em papéis subalternos e enfatizando a agência feminina. A análise feminista destaca as contribuições e a importância das mulheres na Bíblia, como Miriam, Débora e Maria, oferecendo uma nova perspectiva sobre suas histórias e papéis, critica o uso de linguagem que perpetua estereótipos de gênero, propondo uma leitura que busca a inclusão e a equidade (Henriques, 2021).

Trible³ analisa narrativas bíblicas que retratam a violência e o sofrimento das mulheres, como as histórias de Tamar, a filha de Davi, e a concubina de Levita, destacando a brutalidade e a injustiça que elas enfrentam. A autora explora como as vozes femininas são frequentemente silenciadas ou marginalizadas nas narrativas bíblicas, enfatizando a necessidade de dar voz a essas experiências. Apesar das circunstâncias opressivas, Tribble também identifica momentos de resistência e agência nas histórias das mulheres, mostrando como elas navegam e desafiam as estruturas patriarcais (Tribble, 1984).

Christ⁴ argumenta que a hermenêutica feminista deve desconstruir as narrativas patriarcais presentes na Bíblia e na literatura religiosa. Ela enfatiza a necessidade de reexaminar os textos sagrados para revelar as vozes e experiências das mulheres que foram historicamente silenciadas. Enfatiza que a experiência feminina deve ser central na interpretação dos textos religiosos. Ela argumenta que as leituras feministas podem oferecer novas compreensões sobre a espiritualidade e a moralidade, que são mais inclusivas e representativas (Christ, 1990).

O pensamento de Elisabeth Schüssler Fiorenza⁵ representa uma ruptura significativa nas teologias contemporâneas, especialmente com seu livro *"In Memory of Her"*. Ela enfatiza a importância de construir uma memória crítica para libertar a imagem das mulheres no cristianismo, destacando o papel decisivo da linguagem na opressão e na libertação das mulheres. Sua proposta visa salvaguardar a igualdade entre mulheres e homens dentro da religião, promovendo igualdade entre os membros (Almeida; Cipriani, 2021).

As hermenêuticas feministas promovem a desconstrução e reconstrução da identidade bíblico-religiosa, permitindo que as mulheres se vejam como sujeitos intérpretes dos textos, em vez de meras receptoras de interpretações dominantes. Isso possibilita uma leitura crítica e contextualizada, que desafia as narrativas hegemônicas e propõe novas compreensões que ressoam com as experiências e vivências das mulheres (Luckow, 2021).

³ Phyllis Tribble: uma das principais estudiosas na área da hermenêutica feminista, com foco em leituras teológicas e críticas de textos bíblicos. Ela analisa as narrativas da Bíblia sob uma perspectiva feminista, abordando as raízes patriarcais desses textos e propondo interpretações que desafiam as tradições estabelecidas.

⁴ Carol Christ: é uma referência importante na hermenêutica feminista, trazendo análises críticas sobre a literatura religiosa judaico-cristã a partir de uma perspectiva feminista. Sua obra reflete sobre as raízes patriarcais da interpretação bíblica, desafiando as estruturas tradicionais e propondo novas leituras que valorizam a experiência feminina e promovem a inclusão das vozes das mulheres.

⁵ Elisabeth Schüssler Fiorenza: uma das principais teólogas feministas, realizou estudos pioneiros sobre a mulher na Bíblia, resgatando a presença feminina nas narrativas bíblicas e propondo uma nova interpretação teológica a partir de uma perspectiva feminista.

2.4.1 A hermenêutica feminista e educação

A hermenêutica feminista na educação busca transformar a maneira como entendemos e praticamos o ensino, promovendo a igualdade de gênero e a justiça social. Valoriza a experiência e a voz das mulheres, reconhecendo suas contribuições e desafios históricos na educação. Analisa e questiona as narrativas tradicionais que perpetuam a opressão de gênero, propondo novas formas de interpretação e ensino. Promove a autonomia e a dignidade das mulheres, incentivando uma educação que empodere e liberte. Utiliza uma abordagem crítica para examinar como as estruturas educacionais podem reproduzir desigualdades de gênero e busca formas de superá-las (Almeida; Cipriani, 2021).

Busca transformar a maneira como entendemos e praticamos o ensino, promovendo a igualdade de gênero e a justiça social. Valoriza a experiência e a voz das mulheres, reconhecendo suas contribuições e desafios históricos na educação. Analisa e questiona as narrativas tradicionais que perpetuam a opressão de gênero, propondo novas formas de interpretação e ensino, promovendo a autonomia e a dignidade das mulheres, incentivando uma educação que empodere e liberte, utilizando uma abordagem crítica para examinar como as estruturas educacionais podem reproduzir desigualdades de gênero e busca formas de superá-las (Henriques, 2021).

O diálogo entre feminismo e religião pode influenciar a educação de várias maneiras, na construção de uma memória crítica promovendo a revisão histórica e crítica dos papéis das mulheres na religião, incentivando uma educação que valorize a igualdade de gênero, abordando uma linguagem inclusiva, encorajando o uso de uma linguagem que não perpetue estereótipos de gênero, criando um ambiente educacional mais inclusivo. Propõe a igualdade entre mulheres e homens, tanto na educação religiosa quanto na secular, promovendo uma cultura de respeito e equidade, inspirando mudanças nas estruturas educacionais e sociais, desafiando práticas opressivas e promovendo a justiça social (Almeida; Cipriani, 2021).

O eixo hermenêutico feminista e educação pode ser refletida em várias dimensões como aborda Elisabeth Schüssler Fiorenza (Henriques, 2021).

- Educação crítica: a proposta de Fiorenza para a construção de uma memória crítica e a análise da linguagem opressora se alinha com a necessidade de uma educação que promova o pensamento crítico. Isso implica ensinar os alunos a questionar e desconstruir narrativas tradicionais que perpetuam desigualdades

de gênero, incentivando uma reflexão profunda sobre as estruturas sociais e religiosas.

- Inclusão de perspectivas feministas: a inclusão de perspectivas feministas na educação teológica e religiosa é fundamental. Isso significa que currículos educacionais devem incorporar a história e as contribuições das mulheres, bem como as críticas às interpretações androcêntricas dos textos sagrados. Essa abordagem pode enriquecer a formação acadêmica e promover uma compreensão mais abrangente da tradição religiosa.
- Desenvolvimento de linguagem inclusiva: a ênfase de Fiorenza na linguagem inclusiva pode ser aplicada na educação ao promover o uso de uma linguagem que respeite e valorize todas as identidades de gênero. Isso pode ser feito através de práticas pedagógicas que incentivem a reflexão sobre como a linguagem molda nossas percepções e interações.
- Formação para a igualdade: a educação deve ser um espaço que fomente a igualdade de gênero, preparando os alunos para serem agentes de mudança em suas comunidades. Isso envolve não apenas a conscientização sobre as desigualdades existentes, mas também o desenvolvimento de habilidades e competências para promover a justiça social.
- Integração de contextos sociopolíticos: a proposta de Fiorenza de integrar a reflexão teológica com contextos sociopolíticos pode ser aplicada na educação ao encorajar os alunos a relacionar o conhecimento adquirido com as realidades sociais e políticas que os cercam. Isso pode incluir discussões sobre como as questões de gênero se entrelaçam com outras formas de opressão e injustiça.
- Educação transformadora: a visão de Fiorenza sobre um "discipulado de iguais" pode inspirar práticas educacionais que busquem não apenas a transmissão de conhecimento, mas também a transformação das relações de poder dentro da sala de aula e na sociedade. Isso implica criar ambientes educacionais que sejam democráticos, inclusivos e que promovam a participação ativa de todos os alunos (Henriques, 2021).

Portanto, a adesão ao conteúdo no que tange ao eixo educação destaca a importância de uma educação feminista que empodera as mulheres a questionar e desconstruir as narrativas patriarcais que moldam suas identidades e experiências. A proposta de criar grupos de estudos,

é uma estratégia eficaz para promover um espaço seguro de acolhimento e troca de experiências, onde as mulheres podem explorar e reinterpretar os textos bíblicos a partir de suas vivências, não apenas proporciona uma leitura crítica dos textos sagrados, mas também fomenta a conscientização sobre as estruturas de opressão presentes nas teologias tradicionais. Essa abordagem educacional busca capacitar as mulheres a se tornarem agentes de mudança, desafiando as normas e paradigmas conservadores que limitam suas vozes e experiências (Luckow, 2021).

3 Resultados e discussão

De acordo com os estudos selecionados na pesquisa bibliográfica ficou evidenciado que, a igreja é reconhecida como uma instituição social importante que pode contribuir para o combate à violência doméstica, mas também é apontada como parte do problema quando não aborda adequadamente essa questão. A violência contra as mulheres em lares cristãos sob uma perspectiva religiosa, destacando a necessidade de uma atuação consciente e comprometida por parte das instituições religiosas, dos líderes espirituais e da sociedade em geral para prevenir e enfrentar esse problema de forma eficaz e empática (Guerra, 2023).

O estudo de Nunes e Souza mostrou a ineficiência do Estado em efetivar políticas públicas de proteção às mulheres como uma barreira para a superação da violência doméstica, reforçando a dependência das vítimas em soluções religiosas e a falta de apoio externo, evidenciam a complexidade das interações entre a religiosidade, os valores transmitidos nas comunidades religiosas e as experiências de violência doméstica enfrentadas pelas mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais, ressaltam a importância de abordagens integradas que considerem tanto os aspectos religiosos quanto as políticas públicas para enfrentar efetivamente a violência contra as mulheres nesses contextos (Nunes; Souza, 2021).

Silva abordou em sua pesquisa a necessidade de uma reflexão crítica sobre a influência do discurso religioso cristão na perpetuação da violência e opressão contra as mulheres, bem como para a importância de ações e políticas que promovam a igualdade de gênero e o respeito aos direitos das mulheres, especialmente no contexto evangélico (Silva, 2023).

Terra mostrou no seu estudo a relação entre religião e direitos humanos, evidenciando a importância de considerar a contribuição da religião na construção da linguagem da dignidade humana, ressaltando a necessidade de uma abordagem multicultural dos direitos humanos que inclua as perspectivas religiosas, mostrando a demonização do feminino na imaginação judaico-

cristã, destacando como a corporeidade feminina é associada a elementos de perigo, desestabilização e misoginia cósmica, contribuindo para a perpetuação de estereótipos negativos e violências simbólicas contra as mulheres (Cazotto Terra, 2022).

O estudo Guerra aponta para a importância de desconstruir tabus e estigmas religiosos que possam contribuir para a perpetuação da violência contra as mulheres, promovendo uma abordagem mais inclusiva e respeitosa dentro das comunidades religiosas, ressaltando a necessidade de um aconselhamento espiritual que leve em consideração não apenas os preceitos religiosos, mas também as questões legais e sociais envolvidas na violência de gênero, visando oferecer um suporte mais abrangente e eficaz às vítimas, através da Lei Maria da Penha para proteger os direitos das vítimas (Guerra, 2023).

Ficou demonstrado através do estudo de Nunes e Souza a relação entre a violência doméstica e a vivência da religiosidade de mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais, destacando como os discursos religiosos podem contribuir para a manutenção de relacionamentos violentos. Enaltecimento na cultura religiosa de valores como doçura, abnegação, perdão e sofrimento, bem como a visão do casamento como sagrado e indissolúvel, o que pode silenciar o sofrimento das mulheres em relacionamentos violentos (Nunes; Souza, 2021).

Silva menciona a importância de leis como a Lei Maria da Penha no combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres, reconhecendo a necessidade de políticas públicas eficazes para enfrentar as altas taxas de violência de gênero no Brasil. A análise aponta para a complexidade das questões de gênero e violência no contexto religioso (Silva, 2023).

No estudo de Terra, ficou evidenciado a necessidade de promover novas relações que promovam a linguagem dos direitos humanos a partir da tradição bíblica, questionando interpretações que justifiquem a violência com base em preceitos religiosos e enfatizando a importância da igualdade, do respeito e da não violência (Cazotto Terra, 2022).

Fiorenza enfatiza a importância de construir uma memória crítica para libertar a imagem das mulheres no cristianismo, ela destaca o papel decisivo da linguagem na opressão e na libertação das mulheres. Propõe a igualdade entre mulheres e homens dentro da religião, desafiando estruturas patriarcais (Almeida; Cipriani, 2021).

Através das hermenêuticas bíblicas feministas, as participantes são encorajadas a questionar as narrativas patriarcais e a reivindicar sua autoridade espiritual, tornando-se sujeitos intérpretes dos textos bíblicos, proporcionando um ambiente acolhedor e não julgador, onde as mulheres podem compartilhar suas experiências e reflexões sem medo de represálias. A proposta de uma educação feminista é vista como um catalisador para mudanças, ajudando as

mulheres a articular suas vivências de fé e espiritualidade frente aos desafios da vida cotidiana (Luckow, 2021).

O diálogo entre feminismo e religião pode influenciar a educação de várias maneiras, como; a construção de uma memória crítica, promovendo a revisão histórica e crítica dos papéis das mulheres na religião, incentivando uma educação que valorize a igualdade de gênero. Propõe a igualdade entre mulheres e homens, tanto na educação religiosa quanto na secular, promovendo uma cultura de respeito e equidade (Henriques, 2021).

A síntese das evidências dos estudos selecionados nesta pesquisa demonstra que a igreja tem um papel fundamental no enfrentamento da violência contra as mulheres, podendo contribuir significativamente para a prevenção e a superação desse problema, desde que atue de forma consciente, crítica e comprometida.

4 Considerações finais

De acordo com o exposto, vemos a necessidade de uma abordagem integrada e engajada por parte da sociedade, das instituições governamentais e das comunidades religiosas para combater a violência doméstica contra as mulheres e promover um ambiente de respeito, igualdade e segurança para todas. Os líderes espirituais têm a responsabilidade de serem agentes de transformação e apoio no enfrentamento da violência doméstica dentro da igreja, promovendo uma cultura de respeito, proteção e cuidado para com todas as pessoas, especialmente as mulheres em situação de vulnerabilidade.

É fundamental que os líderes religiosos recebam uma formação teológica adequada que os capacite a abordar de forma sensível, ética e responsável as questões de violência contra as mulheres, desafiando e desconstruindo os mitos religiosos que perpetuam a violência de gênero, assim sendo, vemos a necessidade de reflexão crítica, desconstrução de discursos opressores, fortalecimento de políticas públicas e atuação profissional para enfrentar as opressões de gênero presentes no discurso religioso cristão e promover a igualdade e o respeito às mulheres evangélicas e em toda a sociedade.

Deste modo, a hermenêutica feminista pode ser aplicada à educação de várias maneiras, promovendo uma análise crítica e inclusiva dos textos e práticas educacionais, avaliando e revisando materiais didáticos para identificar e corrigir vieses de gênero, garantindo que as perspectivas femininas sejam incluídas e valorizadas, questionando e transformando conceitos tradicionais que perpetuam desigualdades de gênero, promovendo uma educação mais equitativa.

Portanto, a análise da violência contra as mulheres em lares cristãos, considerando o espaço sagrado e o profano, evidencia a complexidade das interações entre as vivências religiosas, os valores transmitidos nas comunidades religiosas e as experiências de violência doméstica. Essa interseção destaca a importância de compreender como as crenças e práticas religiosas podem influenciar a percepção e a resposta das mulheres diante da violência, bem como a necessidade de políticas públicas eficazes e apoio institucional para enfrentar esse problema.

Deste modo, a importância das leis e políticas públicas, como a Lei Maria da Penha, no combate à violência contra as mulheres e na promoção da igualdade de gênero, assim sendo, a necessidade de ações efetivas para enfrentar as opressões de gênero, especialmente aquelas que têm respaldo no discurso religioso.

A Lei Maria da Penha é um instrumento legal fundamental para enfrentar a violência contra as mulheres, incluindo aquelas que vivenciam situações de violência em lares cristãos. A legislação busca garantir a segurança e a dignidade das mulheres, promovendo a igualdade de gênero e o respeito aos direitos humanos.

Portanto, em suma, a conclusão ressalta a importância de considerar a religião, os direitos humanos e a releitura crítica dos textos sagrados para promover a igualdade, o respeito e a não violência, especialmente no contexto da violência contra as mulheres em lares cristãos.

Referências

ALMEIDA, Laura Liba de; CIPRIANI, Cristian. *Uma análise da bíblia a partir da hermenêutica feminista*. Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, 7, 2021, São Leopoldo, RS. Anais [...]. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2021, p. 432-449.

AMARIJO, Cristiane Lopes; FIGUEIRA, Aline Belletti; RAMOS, Aline Marcelino; MINASI, Alex Sandra Avila. Relações de poder nas situações de violência doméstica contra a mulher: tendência dos estudos. *Revista Cuidarte*, v. 11, n. 2, p. e1052, 2020. Doi: <http://dx.doi.org/10.15649/cuidarte.1052>

CAZOTTO TERRA, K. R. Violência contra as mulheres e textos sagrados das religiões. *Revista Brasileira de História das Religiões*, v. 15, n. 43, 8 abr. 2022.

CHIAVENATO, J. *A bastarda de Deus: a bíblia e a cultura da violência contra a mulher*. Editora Noir, 2021.

CHRIST, Carol. *Lifting the Veil: The Feminine Face of God*. 1990.

ELIADE, Mircea, 1907-1986. *O sagrado e o profano*. tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FIORENZA, Elisabeth Schüssler. *In Memory of Her: A Feminist Theological Reconstruction of Christian Origins*. 1983.

GUERRA, Kellen Margareth Peres Pamplona. A igreja protestante e a violência doméstica contra as mulheres. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano, 08, Ed. 06, v. 01, pp. 32-43, junho de 2023. ISSN: 2448-0959. Disponível em: <<https://www.nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/domestica>>. Acesso em: 26 jun. 2024. Doi: 10.32749/nucleodoconhecimento.com.br/ciencias-sociais/domestica.

HENRIQUES, Fernanda. Elisabeth Schüssler Fiorenza. Uma hermenêutica feminista crítica. Universidade de Évora, Évora, Portugal. Doutora em Filosofia. *Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor.*, Curitiba, v. 13, ed. espec., p. 273-290, 2021.

LUCKOW, Fabiane Behling. *Hermenêuticas bíblicas feministas para uma educação feminista*. Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião, 7., 2021, São Leopoldo, RS. Anais [...]. São Leopoldo, RS: Faculdades EST, 2021, p.194-206.

NUNES, Ana Clara de Arruda; SOUZA, Tatiana Machiavelli Carmo. Análise das vivências de violência doméstica em mulheres evangélicas pentecostais e neopentecostais. *Rev. SPAGESP*, v. 22, n.2, Ribeirão Preto jul./dez. 2021.

ROSENDAHL, Z. Espaço, o sagrado e o profano. In: *Uma procissão na geografia* (online). Rio de Janeiro: EDUERJ, 2018, pp. 77-92. ISBN 978-85-7511-501-5. Available from: doi:10.7476/9788575115015.0005. Also available in ePUB. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/wy7ft/epub/rosendahl-9788575115015.epub>>. Acesso 10 jul 2024.

SANTOS, Regma. O discurso sobre a mulher: entre o sagrado e o profano. *Revista OPSIS*, v. 6, 1. Doi: 10.5216/o.v6i1.9313, março de 2010.

SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Transforming Vision: Explorations In Feminist Minneapolis*: Fortress Press, 2011.

SILVA, Raquel Pereira da. A mulher evangélica e o discurso religioso cristão: entre o sentido e a opressão. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, v. 8, n. 15, p. 25-44, 28 dez. 2023.

TRIBLE, Phyllis. *Texts of Terror: Literary-Feminist Readings of Biblical Narratives*. Fortress Press, 1984.